

## RESEÑAS

BRYANT, T., *Homecoming*. Los Angeles: TarcherPerigee / Penguin Group, 2022, 256pp.

Quando se fala de filosofia, deve-se também falar de antropologia. Do mesmo modo, quando se fala da pessoa humana, deve-se também falar de identidade, de autenticidade e de autorrealização. Porém, quando se estuda a pessoa humana, frequentemente cometem-se alguns reducionismos do ponto de vista científico, tais como: a) desconsidera-se a afetividade, em detrimento do intelecto e da vontade; b) dissocia-se o seu mundo interno do seu mundo externo; c) não se relaciona o mundo externo com o intelecto, a vontade e a afetividade; d) dá-se primazia ao seu mundo interno, chegando ao ponto de desconsiderar-se completamente o mundo externo; e) quando se considera e analisa o seu mundo externo, frequentemente desconsideram-se muitos pontos que convinha também ter presente e analisar. Ora, tais erros acabam não só por condicionar negativamente a concepção da pessoa humana como também, conseqüentemente, a sua identidade e autenticidade, e, neste sentido, a sua autorrealização.

Muitas das vezes, a pessoa humana depara-se com situações que podem, de vários modos, condicionar negativamente a construção e a atualização da sua identidade e autenticidade. Neste sentido, considero muito interessante a obra supramencionada de Thema Bryant, pois, estabelecendo um diálogo interdisciplinar, não só apresenta uma concepção da pessoa humana mais realista, como também procura desmistificar alguns erros que, ao longo dos tempos, se verificaram com relação a tal, analisando igualmente os fatores que podem condicionar negativamente a sua autorrealização, procurando simultaneamente dar respostas mais válidas.

Para tal, a Bryant dividiu a obra em três partes, intituladas, respetivamente: «*Longing for Home*»; «*Packing Light: What to Carry on the Journey Home*»; «*Recovering from Roadblocks on the Journey Home*». A primeira parte contém 3 capítulos. No primeiro capítulo, intitulado de «*Ring the Alarm: I Need a*

*Homecoming*», a autora define e destaca a importância de construirmos uma identidade e de sermos autênticos. Neste sentido, neste capítulo, a autora salienta também a importância de nos conhecermos a nós mesmos e de sermos conscientes dos nossos talentos, limites e defeitos.

Sucessivamente, no segundo capítulo, intitulado de «*Internal Signs of Disconnection*», Bryant evidencia e analisa as principais características de uma personalidade inautêntica, do ponto de vista do seu mundo interior. Já no terceiro, intitulado de «*External Signs of Disconnection*», a autora destaca e analisa as principais características de uma personalidade inautêntica, porém, agora, do ponto de vista do seu mundo exterior.

A segunda parte da obra contém 5 capítulos. Assim, no quarto capítulo da obra (primeiro da segunda parte), intitulado de «*Reparenting Yourself*», Bryant mostra como a infância é uma etapa crucial na construção de uma boa identidade, analisando também, neste sentido, quais são os principais obstáculos com relação a tal. Já no capítulo quinto, intitulado de «*Emotional Intelligence*», a autora destaca a importância da afetividade na pessoa humana e como ela deve de estabelecer um diálogo com o intelecto e a vontade, a fim de permitir o desenvolvimento da pessoa humana.

Posteriormente, no capítulo sexto, intitulado de «*Community Care and Self-Care*», Bryant relaciona a comunidade e a sociedade com a pessoa humana, mostrando, desta forma, o impacto, positivo e negativo, das comunidades e das sociedades na nossa identidade e autenticidade. Em seguida, no capítulo sétimo, intitulado de «*Building Self-Confidence*», a autora destaca algumas virtudes que são importantes na construção da nossa identidade, mostrando, assim também, em contrapartida, quais são os vícios que condicionam negativamente tal. Já no capítulo oitavo (último de esta parte), intitulado de «*Spiritual Practices*», a autora, tal como o título sugere, relaciona a identidade com algumas práticas espirituais (em particular com a religião), mostrando, assim, como estas podem influenciar aquela, positiva ou negativamente.

A terceira (e última) parte da obra contém também 5 capítulos. Assim, no capítulo nono da obra (primeiro da terceira parte), intitulado de «*Mourning Invisible Losses*», Bryant mostra como a falta de identidade e a inautenticidade condicionam, por sua vez, negativamente a nossa autorrealização e vice-versa. Já no capítulo décimo, intitulado de «*Healing from Breakups and Divorce*», a autora relaciona a identidade e a autenticidade com as relações interpessoais, em particular as relações familiares, mostrando como elas se relacionam mutuamente.

Sucessivamente, no capítulo décimo primeiro, intitulado de «*Coping and Healing from a Toxic Workplace*», Bryant estabelece agora uma relação entre o lugar de trabalho e a identidade e a autenticidade da pessoa humana, e como elas também se condicionam mutuamente. Já no capítulo décimo segundo, intitulado de «*Recovering from Childhood Trauma*», a autora mostra como os

traumas não resolvidos, em particular os da infância, condicionam negativamente a identidade e a autenticidade da pessoa humana e, assim também, as suas relações interpessoais. Finalmente, no capítulo décimo terceiro (último da obra), intitulado de «*Resisting Opression*», a autora analisa, tal como o título sugere, como as mais variadas formas de opressão condicionam negativamente a nossa identidade e autenticidade.

Dos vários pontos positivos que se podem destacar na obra, gostaria de identificar os seguintes. Metodologicamente falando, considero, portanto, importante que Bryant tenha recorrido a um diálogo interdisciplinar a fim de corroborar as suas ideias, sobretudo entre a filosofia, a psicologia, a psiquiatria, a biologia, a sociologia, a política, a educação e a teologia. De igual modo, penso que a obra enriqueceu pelo facto de a autora ter recorrido não só a alguns dados estatísticos, mas também ao testemunho de várias pessoas, inclusive o seu, a fim de dar, de igual modo, credibilidade aos seus argumentos.

Com relação ao conteúdo da obra, propriamente dito, penso que nela destaca-se pela positiva o facto de Bryant ter mostrado em que é que consiste de facto a identidade e a autenticidade, destacando, neste sentido, falsas noções de identidade e de autenticidade, com as quais frequentemente se confundem.

Nesta linha, considera-se também como ponto positivo na obra que a autora tenha, de diversas formas, mostrado que a construção de uma boa identidade e da autenticidade são fundamentais a fim de que toda a pessoa humana possa autorrealizar-se. De facto, como ela mostra ao longo da obra, contruir uma identidade e ser autêntico faz parte da nossa natureza. De igual modo, considero igualmente interessante que Bryant tenha mostrado como ao autorrealizarmos, podemos de igual modo atualizar a nossa identidade e autenticidade, criando-se, assim, um círculo virtuoso.

Assim, considera-se também como ponto positivo na obra que a autora tenha mostrado que tal situação é um processo contínuo, não estático, devendo, portanto, ocorrer durante toda a nossa vida. Ou seja, durante a sua vida, toda a pessoa humana deve procurar construir e reafirmar a identidade e a sua autenticidade a fim de autorrealizar-se e vice-versa. Do mesmo modo, durante a sua vida, toda a pessoa humana deparar-se-á com realidades que podem colocar em risco a sua identidade e autenticidade, face às quais ela deve integrá-las a fim de procurar atualizar e sedimentar a sua identidade e autenticidade.

Um outro ponto que se destaca pela positiva na obra consiste no facto de Bryant ter estabelecido uma outra relação «simbiótica», digamos assim, agora mais concretamente entre a identidade, a autenticidade, o conhecimento de nós mesmos e da nossa condição metafísica. De facto, a fim de podermos criar uma identidade e sermos autênticos temos de conhecer a nossa condição metafísica bem como a nós mesmos, algo que, por sua vez, permite-nos criar e atualizar a nossa identidade e a nossa autenticidade.

Nesta linha, considera igualmente importante, que a autora tenha estabelecido uma relação entre a identidade e a autenticidade e a participação no mundo dos valores, em particular no valor da doação de nós mesmos às outras pessoas. Contudo, penso que a autora poderia ter analisado com alguma profundidade a questão dos valores; de facto, em algumas situações, penso que ela considera com valores algo que essencialmente não o é.

Considero igualmente interessante que Bryant tenha relacionado a identidade e a autenticidade com fatores internos e externos face à pessoa humana. Assim, com relação aos fatores internos, considero fundamental que a autora tenha relacionado a identidade e a autenticidade com o intelecto, a vontade e afetividade, mostrando, assim, como estes devem dialogar entre si, a fim de poder-se construir uma boa identidade e ser-se autênticos, e como estes, por sua vez, podem integrar o nosso intelecto, a nossa vontade e a nossa afetividade, criando-se, assim também, uma espécie de «simbioses». Contudo penso que a autora interpreta mal em alguns pontos a questão da sexualidade na pessoa humana, algo que pode certamente condicionar negativamente a criação de uma boa identidade e da autenticidade também.

Já com relação aos fatores externos, considero fundamental que Bryant tenha relacionado a identidade e a autenticidade com a educação, a alimentação, o estilo de vida, o ambiente, a cultura, a política, a sociedade, a economia, a família, os grupos, a religião, a amizade, a terapia, etc., mostrando, assim também, como estes fatores se relacionam e se condicionam entre si de várias formas.

Tendo em consideração tantos os fatores internos como os fatores externos analisados pela autora, que condicionam a nossa identidade e autenticidade, considero também interessante que a autora tenha identificado e mostrado tanto uma componente quantitativa e qualitativa com relação a eles, como também uma componente objetiva e subjetiva face aos mesmos.

A identidade e a autenticidade estão intrinsecamente relacionadas com a pessoa humana e a sua autorrealização. Neste sentido, destaca-se também na obra que a Bryant tenha mostrado como uma vida virtuosa / viciosa condicionam em tal (e vice-versa), como também quais são os meios e os modos que as pessoas frequentemente usam a fim de compensarem a falta de identidade e de autenticidade. De esta forma, foi também importante que a autora tenha mostrado não só as consequências negativas de tal, a curto e a longo prazo, mas também que tenha proposto métodos, a fim de evitarem-se tais situações ou de revertê-las.

Considero igualmente importante que Bryant tenha evidenciado algumas situações, internas e externas à pessoa humana, que confirmam a falta (ou não) de identidade e de autenticidade nela. Neste sentido, destaca-se também pela positiva na obra o facto de a autora ter aliado a importância do realismo face à identidade e à autenticidade, mostrando, assim, como o sermos realistas para

conosco mesmos e face às várias circunstâncias nas quais estamos inseridos permitem criar uma relação simbiótica com a identidade e a autenticidade.

Finalmente, considero também importante na obra que a autora tenha mostrado que toda a pessoa humana deve também ajudar as outras a criarem e a atualizarem a sua identidade e autenticidade. Porém, antes de o fazerem, convém que elas o tenham feito anteriormente também.

Toda a pessoa humana está chamada a criar e a atualizar a sua identidade e a ser autêntico, a fim de autorrealizar-se. E não só este processo é contínuo como também nunca é tarde para (re) começar. Num período, mais do que nunca, onde reina a desconexão, a falta de identidade e a inautenticidade, penso que a obra mencionada de Therma Bryant pode dar respostas válidas para com esta realidade. Neste sentido, gostaria de terminar esta recensão, se me é permitido, encorajando a autora a continuar com o seu trabalho de investigação.

EUGÉNIO LOPES  
*UNED*

GARRIDO CLEMENTE, P., *Obra completa del sufi Ibn Masarra de Córdoba*. Córdoba, Almuzara, 2022. 323 pp. + 51 pp. ISBN: 978-84-92924-73-8.

Hay consenso en que Muhammad Ibn Masarra (883-931) es una figura clave del pensamiento en Al-Ándalus. Sin embargo, en el momento que nos acercamos a él comienza a entremezclarse la leyenda con la historia hasta el punto de que en las últimas décadas se convirtió en un desafío para los investigadores de diversas disciplinas. Tanto que Ibn Masarra y el pensamiento masarrí devino en mito. Así, el pensador cordobés pasó a formar parte de la nómina de «filósofos míticos» como Pitágoras, Empédocles, Confucio o Shankara. Una suerte de figuras, usadas, a menudo, como cajón de sastre, sobre las que se atribuye sabiduría y planteamientos filosóficos pero que, usando las técnicas historiográficas, no tenemos constancia cierta de ellos y la autoría de sus obras.

Ibn Masarra, como ocurre con todos estos autores, se le considera el fundador de un modo de pensamiento nuevo. Él habría sido el primer filósofo y librepensador de Al-Ándalus y sobre él recaería el destino del renacer del pensamiento hispánico. De su legado emergerían nuevas escuelas y pensadores, siempre enfrentadas al poder, que acabarían sucumbiendo ante la ortodoxia religiosa. El arabista Miguel Asín Palacios (1871-1944) fue el primero en preocuparse por este personaje dentro del pensamiento hispánico y elaboró una